

Ebion de Lima

Professor *Emeritus* de Português da Universidade de Missouri (UM)

## **UMA FRUTA PARA O GRÃO-DUQUE : CARTA DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA A COSME III**

Toda faceta da vida ou actividade do Padre António Vieira oferece algo de fascinante. O relacionamento que teve, por exemplo com Cosme III, o Grão-Duque de Toscana, foi indiscutivelmente um marco vibrante na sua carreira como diplomata e homem de relevo no ciclo cultural do tempo. Quem quiser inteirar-se precisa e extensivamente deste intercâmbio do ebuliente Jesuíta com o Grão-Duque há-de consultar o historiador Aníbal Pinto de Castro que consagrou às relações das duas proeminentes figuras uma pesquisa cabal e cujos resultados publicou em 1962.<sup>1</sup>

Nesta obra encontramos estampada uma carta de Vieira ao Medici, cujo original autógrafo também tive ocasião de ver na Biblioteca de Florença. Partindo desta missiva podemos examinar curiosas informações da época, inclusivé mostrar o papel que as relações destas eminentes personagens tiveram na difusão do conhecimento do Brasil nos meios científicos europeus.

Para melhor ambientar o leitor, narro alguns aspectos directa ou marginalmente relacionados ao conteúdo da carta. São eventos que têm a ver com as vicissitudes do tempo bem como com a actuação brilhante e multifaria do grande Jesuíta português.

A carta do P. Vieira é de certo modo curiosa, não tanto pela distinção do destinatário mas por fugir em parte, no seu conteúdo, dos temas familiares à pena do Jesuíta. Sua mente militante tratou copiosamente dos problemas que

---

<sup>1</sup> Castro, Anibal Pinto de. "O Padre António Vieira e Cosme III de Médicis" (com 4 cartas ineditas) *Revista de História Literária de Portugal*. Coimbra, 1962. Vol. I, p.158-190.

lhe absorveram a vida toda. As missões entre os índios do Brasil, a política portuguesa e aquilo que lhe foi torturante pesadelo: a Inquisição. A missiva em pauta, ao invés, trata primariamente das virtudes e excelências de uma fruta tropical muito encontrada no Brasil, o *araticum*. Esta carta escrita ao Grão-Duque da Toscana foi datada de Roma, a 13 de Junho de 1672.

Mas antes de a lermos, vejamos quais as circunstâncias que ensejaram tal correspondência entre as duas relevantes personalidades da época. Vieira já gozava de notável celebridade. Foi conselheiro e valido de Dom João IV, pregador da Capela Real, havia representado o seu país em missões extremamente delicadas no exterior e naquela altura se achava em Roma onde como orador era considerado um outro Santo António. Desempenhava na cidade dos Papas a ousada incumbência que se propusera de impugnar o estilo e as decisões inquisitoriais praticadas em sua pátria. Desposando ele combativamente a causa dos judeus, atingira a invejável posição de figura internacionalmente controvertida. Exuberante no púlpito, ardiso na diplomacia, não por nada a imprensa do tempo lhe observava de perto todos os movimentos.

Imprensa do tempo, por bem dizer, não seria no caso o mensário oficial *Mercúrio Português*, de tonalidade enxuta, obsequiosa, própria dos cronistas palacianos. As notícias realmente “quentes” circulavam era no mexerico da Corte, na densa transacção epistolar de fidalgos e eclesiásticos; era em diários de memorialistas que cronificavam os eventos por própria conta e risco.

Um destes vinha a ser Frei Alexandre da Paixão, um Beneditino, conservador, anti-jesuíta, anti-semita e transparentemente tendencioso. A ele se atribui uma obra, só em nossos tempos publicada, de título *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, na qual se registram vividamente os principais acontecimentos políticos e sociais da Corte portuguesa desde o ano de 1662 a 1680.

Podemos sondar os antecedentes da carta de Vieira e começar pelo diário deste monge que nos fornece uma notícia ocasional sobre o Príncipe florentino e com frequência alude ao Jesuíta, embora com evidente desafeição.

Cosme III, o Serenissimo destinatário, já se havia tornado ao tempo da missiva uma figura familiar aos Portugueses. Em 1669, antes de assumir a coroa de Toscana, estava ele visitando Portugal, proveniente da Espanha e a caminho da Inglaterra. Era então Regente do Reino Lusitano o Príncipe Dom Pedro, pelo irmão destronado Dom Afonso VI. Eis o tom meio maligno, meio futriqueiro com que o Beneditino registra a recepção dada em Lisboa ao nobre visitante, em janeiro do citado ano.

*"Nestes dias chegou o Principe de Florença à Corte onde foi recebido com as demonstrações que se lhe deviam. Não se aposentou no quarto que se tinha composto no mosteiro de São Bento por ordem de S. A., senão numas casas, que diziam que por sua causa se prepararam os Italianos em Mocambo, as quais foram de Fernando Teles. O estado deste Principe era de como quem andava correndo terras; trazia consigo quatro titulares seus vassallos, e seu capelão e médico e muita gente ordinaria de serviço. Representava 32 anos, bem apessoado; era casado e tinha já dois filhos. O enfado de esperar suceder necessita de grandes divertimentos. S. A. lhe mandou um real presente de peças de grande valor: uma faca com cabo de diamante que se avaliou em 11.000 cruzados, duas ricas alcatifas, um docel de brocado da China e outras peças de joias que se avaliaram ao todo em vinte mil cruzados... Folgou muito de ver a cidade, o porto e a Corte. Admirou a multidão de gente, o clima do país, abundancia e bondade dos mantimentos; fez algumas ações grandiosas, deu a quem da parte de S. A. lhe levou o presente 400 moedas de ouro, fez muitas esmolas grandes, etc... Teve tenção de se deter mais, porem por aviso que teve de que na Corunha o esperavam quatro fragatas inglesas para passar à Inglaterra, se partiu da Corte depois de meados de fevereiro e veio a Santarem, Tomar, Coimbra, Porto, Viana e passou-se à Galiza, sendo recebido em todas as partes com alegres demonstrações e regalos que lhe ofereciam as Camaras, com o que foi muito pago, assim do Reino como dos naturais dele."*<sup>2</sup>

Mostra-se o autor das *Monstruosidades*, mais irónico do que informado. O Principe, por bem da verdade, era cinco anos mais jovem; o que o fazia viajar não era tanto o enfado da espera pela sucessão quanto o alívio que procurava para as suas amargas conjunturas matrimoniais. Casara-se

---

<sup>2</sup> Paixão, Alexandre da. *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*. Porto, 1939. Vol. I, pp.119-121

desastradamente com Margarida Luísa de Orleans, caprichosa e rebelde. Era por sinal a irmã mais nova de outra sobrinha de Luis XIII da França, aquela mesma que Vieira tinha procurado consorciar através de negociações complicadíssimas, com o príncipe português Dom Teodósio. O malogro feliz da missão casamenteira do Jesuíta salvou o filho de Dom João IV de idêntico destino ao de Cosme III, pois a irmã mais velha, a "Grande Mademoiselle" como lhe chamavam, era um tipo virago, frívola e libertária.

Viajava pois o Príncipe toscano por desenfado, seguindo um itinerário ambicioso, "como quem andava correndo terras", no dizer do lépido cronista. Procedia incógnito, para simplificar as transações diplomáticas. A comitiva era de umas trinta pessoas. Três de seus distintos acompanhantes redigiram pormenorizado relatório da jornada. Um deles, o nobre e culto florentino Lourenço Magalotti, que foi o cronista oficial, deixou-nos sobre esta viagem um precioso manuscrito guardado na Biblioteca Laurenciana de Florença, e que já consta variadamente publicado.<sup>3</sup>

Tudo indica que foi nesta visita a Portugal que o Grão-Duque iniciou o seu relacionamento com Vieira, pois quando este esteve na Itália pela primeira vez (1648), Cosme era ainda uma criança entre 5 e 6 anos, e não é de se supor que o Jesuíta tivesse tido então algum motivo para se entreter com ele.

Mal chegara o Príncipe a Lisboa, Vieira já era um dos primeiros proceres do Reino a comparecer para dar ao ilustre hospede as boas vindas, conforme anotou Magalotti: "*Fu l'Altezza Serenissima il 22 detto alla messa nella vicina chiesa delle Carmelitane. E dopo desinare... se trattene lungamente com tre Cappuccini... Usciti questi entrò il Padre Antonio Vieira Gesuita*".<sup>4</sup>

Outro cronista da comitiva, o Marquês Felipe Corsini, foi mais explícito e colheu exactamente a posição de Vieira a esta altura de sua vida, isto é, depois da condenação pelo Tribunal da Inquisição de Coimbra em 1667: "*Vi furono alcuni Gesuiti... e tra gli altri il Priore Antonio Vieira, predicatore famosissimo, questo per essere stato poco men che convinto d'alcune opinioni ereticali dall'Inquisizione fu privato della messa, e della preadica; ma instante il favore*

---

<sup>3</sup> *Viaje de Cosme de Medicis por España y Portugal* (1968-1669) Edición y notas por Angel Sanchez Rivero y Angelariutti de Sanchez Rivero. Madrid s/d

<sup>4</sup> *Ibidem*. p.266

*del Principe (Dom Pedro) del quale é confidentissimo e a segno tale che entra nel Consiglio Segreto e la potenza dei Gesuiti... gli e stato tutto restituito, e predica adesso nella Cappella Regia stampandosi molte delle sue prediche e fra I Gesuiti medesimi è di una stima singolare.*<sup>15</sup>

Para o dia 2 de Janeiro nota o escrito oficial de Magalotti que o Príncipe, seu Senhor, visitava a Casa de São Roque dos Jesuítas e que *"la sera vi stette il Padre Vieira"*. No dia seguinte o piedoso visitante estava assistindo à Missa na igreja de Santo António do Colégio dos mesmos Padres cujas classes percorreu acompanhado do Reitor e naturalmente também do Padre António Vieira.

Para o dia 29 do mesmo mês se notifica que o Príncipe *"rimase la mattina senz'uscire di casa trattenendosi lungo tempo col Padre Vieira"*. Deviam ser estes colóquios de mutuo agrado e grande interesse, já que para 11 de Fevereiro se registra que o Príncipe pela manhã *fu alla casa professa dei Gesuiti, dove trattenendosi lungo tempo col Padre Vieira tornò a casa.*<sup>16</sup>

Afinal a 17 de Fevereiro partia o Príncipe de Lisboa e, de acordo com o itinerário, dirigiu-se para o norte do país, estacionando brevemente em diversas cidades, como já mencionado, até transpor as fronteiras.

O nobre Florentino era curioso e indagador. Suas viagens se justificavam como sendo um tirocínio que o habilitariam melhor para o múnus do governo que cedo ou tarde assumiria subindo ao trono de Toscana. Ninguém melhor informado e qualificado do que Vieira para deixá-lo a par dos arcanos políticos da república lusitana.

Por outro lado, o Jesuíta, embora em segredo, já devia estar planejando sua ida a Roma. Havia lá o cardeal Leopoldo de Medici, tio de Cosme, de grande cultura e grande influência. Eis o que pensava sobre as intenções de Vieira a "imprensa do tempo" pela pena do cronista bento que assim nos adverte:

*"Alguns dias havia se falava em ir o Padre António Vieira a Roma; acabou o intento disposta a ocasião pra esconder o motivo e em 14 de agosto (1669) deu à vela numa nau inglesa... Que de juízo fizeram sobre esta jornada! Os Padres da Companhia publicaram que ia tratar da canonização de uns*

<sup>5</sup> Ibidem. p.266, Nota

<sup>6</sup> Ibidem. pp.268-273 passim

*mártires do Japão, mas desfazia-se no ar esta voz, sabendo todos que para estes negócios tem a sua Província de Portugal agente em Roma... A malícia, fundada na presunção do Padre, tinha para si que era chamado do Pontífice, para ser condenado em suas proposições, que, ainda que refutadas as cria o Padre como verdadeiras. O certo é que foi; e tudo mais incerto...<sup>7</sup>* Andava parcialmente enganado o frade diarista. Ia de fato Vieira para Roma encarregado pela Ordem de ajudar a diligenciar a canonização dos 40 mártires trucidados pelos piratas calvinistas no mar das Canárias em 1570. Mas podia ser isto apenas um mero pretexto a fim de justificar a ida do confrade. Como já havia para tal encargo uma Comissão permanente, talvez estivesse com a verdade o malicioso cronista. Era uma razão dada apenas para consumo do publico. Tanto assim que, uma vez em Roma, pouco ralmente fez o Jesuita concernente esta missão. Contrariamente, porém, ao que supunha o autor das *Monstruosidades* o que tencionava realmente o Padre era pedir uma revisão do veredicto inquisitorial pronunciado sobre suas opiniões e que julgava injusto. Intendia ainda defender a causa dos Cristãos Novos perante o Papa, como mais tarde descobrirá com indignação o frade memorialista.<sup>8</sup> E havia outras incumbências escapes à sua bisbilhotice como por exemplo, a de ir Vieira tratar da possibilidade de mais um casamento, desta vez o de seu amigo Duque de Cadaval, então enviuvado e desejoso de uma consorte italiana.

Partiu, pois, para Roma o Padre Vieira em Agosto de 1669. Sua viagem aparece um tanto atormentada pois houve que atracar no porto de Marselha por muitos dias, esperando tempo bom. Foi quando se encontrou mais uma vez com o Príncipe de Florença que por coincidência chegava também àquela cidade de volta de sua viagem pela Irlanda, Inglaterra e França.

De Marselha, Cosme tomaria suas próprias naves para retomar à Toscana. Naturalmente levou consigo seu amigo e confidente, o qual após breve estada em Florença seguiu finalmente para a Cidade Eterna.

Eis agora a carta desde Roma, escrita por Vieira ao Príncipe, não mais como herdeiro mas como o Grão-Duque Cosme III, subido ao trono florentino em 1670.

---

<sup>7</sup> Paixão, A. *Monstruosidades...* pp.17-18

<sup>8</sup> Ibidem. Vol. II, p.63, nota 9

"Serenissimo Senhor:

*Posso dar melhor relação a V. A. Serenissima deste Pomo do que o soube do Passaro. E porque ha três espécies muito semelhantes, direy a differença de todas que com nome universal se chamão araticú.*

*A primeyra especie que absolutam.te se chama com o nome generico he da mesma figura que aqui se mostra, mas ordinariam. te de muito mayor grandeza como hum mellam medianno. A cor de fora he verde com mistura de amarello, quando está maduro. A cor de dentro entre branco e dourado. as sementes da mesma forma q as pintadas de cor de tamara madura, mas não secca. Sam poucas e metidas pella carne do pomo a modo das pevides de ballancia. O cheiro bom e agudo com alguma' aspereza, a qual tambem se acha no sabor entre doce e azedo. tem um tallo no meo como cravo em q se sustenta e continua o pe, e por isso da mesma grossura e duro, mas da mesma cor da carne, a qual não penetra muito. As arvores são grandes e frescas, folhas como de laranja mais grossas e escuras. a madeira do tronco leve e pouco solida, e assy de pouco serviço. nasce esta especie em todo o Brazil, onde não he estimada.*

*A segunda especie se chama Araticú panâ só na figura semelhante. nasce iunto dos rios. A arvore pequena e de diferente tronco e folha. O fruto he tam venenoso que os caranguejos terrestres que delle se sustentão, mata.*

*A terceyra especie se chama Araticú apê. E este he verdadeiram.te comparavel às melhores frutas do mundo, postoq não tenha semelhança com nenhua' dellas. A figura he como a pintada, e so lhe faltam hua 's pontas sabidas para fora com que as escamas da pinha se vão distinguindo, mas todas em hua 'mesma casca ou pelle unida com que se cobre. A grandeza ordinaria he como a que se mostra, mas algu 'as são m.to mayores. as sementes são negras com algu 'a lus de dourado. O cheiro he pouco, e não aspero. Madura he toda amarella com alguns pontos negros. Partese esta fruta pello meo facilmente com hu 'a facca, e fica repartida como em duas porçolanas de maniar branco muito brando doce e fresquissimo, ou como de nata com mestura de açúcar.E assy se come às colheres ficando a casca de*

*grossura de hu'a pataca. Dasse esta fruta em Pernambuco (porq nunca a vi na Babia) mas muito melhor no Pará onde não tem o mesmo nome, e se chama Beribâ. o tronco e flor e folhas são diferentes da primeyra especie, mas não tam fermosas à vista. não descrevo a flor, porq não estou bem lembrado. So digo que se não se mudar com o terreno he dignissima de ser transplantada a Florença.*

*Em Lisboa stava resolutto q se não uzasse da dispenção de S. Santidade na sagração dos Bispos com hu 'Bispo e duas dignidades; mas que fossem tres dos eleitos Regulares sagrarse a Madrid por tres Bispos. não era chegado o Nuncio quando partio o Correyo ordinario, mas por extraordinario de Madrid se sabe estaria no Porto de Lisboa, mas não ainda desembarcado. Morreo o Conde de Amintas, e o de S. Lourenço ficava desconfiado da vida. Serenissimo s.or Deos g. de a Serenissima pessoa de V. A. Serenissima como a Christandade e os Vassallos e Criados de V. A. Serenissima avemos mister. Roma 13 de Junho de 672. De V. A. Serenissima*

*humilissimo e observantissimo criado*

*Antonio Vieyra" <sup>9</sup>*

Na Biblioteca de Florença esta noticiosa missiva se acha entre os papéis de Francisco Redi, notável literato aretino, naturalista (um dos avós da biologia moderna), poliglota e médico de Cosme III. Um excerto da mesma foi transladado pelo mesmo Redi num dos seus opúsculos anonimamente impresso e onde trata da mencionada fruta. Tal opúsculo vem a ser o conteúdo de uma carta que o naturalista italiano escrevera a outro Jesuíta, o Padre Atanasio Kircher, estampada com o titulo de *Esperienze intorno a diverse cose naturali e particolarmente a quelle che vi son portate dalle Indie*.

O trecho tirado da carta de Vieira é aí citado em português. Soa meio macarrónico, certamente devido à pouca familiaridade de Redi com a língua e com a letra do remetente.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> *Manoscritti Palatini* n. 1098. Biblioteca Nazionale Centrale de Florença

<sup>10</sup> Redi, Francesco. *Opere*. Milano, 1811. Vol. IV, pp.56-58

As relações de Vieira com este médico de Cosme III parece terem sido mais estreitas do que sugere a alusão genérica que lhe faz citando-o no opúsculo. Ambos pertenciam à Arcádia Romana da Rainha Cristina da Suécia. O interesse comum de promover o conhecimento da natureza terá ensejado à mente alerta e versátil de Vieira um maior intercâmbio com o seu colega de *Arezzo*. De fato, no mesmo opúsculo citado, Redi o menciona outras vezes nominalmente. Assim o faz refutando algumas superstições em tomo de supostas virtudes atribuídas a vários espécimes de plantas.<sup>11</sup> ou discorrendo sobre o tabaco e suas forças curativas.<sup>12</sup>

No catálogo dos manuscritos da mesma Biblioteca de Florença, num outro códice de papeis pertencentes a Redi, consta um certo relato em português, concernente ao cacau e à baunilha. Poderia ser também de Vieira. Infelizmente, procurando examinar tal escrito, verifiquei que fora subtraído ao códice indicado.<sup>13</sup>

Pelo teor inicial da carta de Vieira ao Grão Duque se depreende que o solícito Jesuíta havia já informado Sua Sereníssima também sobre um pássaro, sem dúvida brasileiro, declarando ao mesmo tempo sua exígua competência no campo zoológico. Nota-se ainda que anexo à carta, juntara Vieira o desenho da fruta e de suas sementes. No códice, porém, não constam tais ilustrações. Constam entretanto, desenhadas a bico de pena, no fim do opúsculo de Redi, embora, ao que parece, não sejam as originais apresentadas por Vieira.<sup>14</sup>

As informações sobre o *araticum* fornecidas por Vieira, ao jeito de um experto botânico, não me aparentam originais ou empiricamente formuladas apenas de sua observação pessoal. Há indício de que teria feito, antes de redigir a carta, uma atenta pesquisa sobre a planta. Por certo que tinha disponível na Biblioteca da Casa Principal dos Jesuítas em Roma todas as obras de Historia Natural até então publicadas concernentes ao Novo Mundo.

---

<sup>11</sup> Ibidem. p.15

<sup>12</sup> Ibidem. p.42

<sup>13</sup> *Manoscritti Palatini* n. 1096

<sup>14</sup> Guglielmo Pisone mentovò e l'albero e il frutto (araticum) nel libro 4 e 5 della storia naturale; ma perchè le figure del frutto non corrisponcono così bene ad uno di essi frutti, donatomi dalla cortesia del Signor Francesco Antonio Malaspina, Marchese di Suvero, perciò ve ne mando Vol. IV, p.55 qui la figura nella sua grandezza naturale, insieme con la figura dei semi interi, e degli aperti con la loro anima nel mezzo. Fig. 6. Cfr. Redi, Francesco. *Opere*. Vol. IV, p.55

O primeiro que deu ao prelo um trabalho deste género consta ser Gonzalo Hernandez de Oviedo y Valdés (1478-1557) que escreveu um *Sumario de la Natural Historia de las Indias*, impressa em Madrid em 1526. Vieira faz o seu relato ao Gão-Duque como que endossando não só o conteúdo mas ainda a terminologia deste autor que assim descreve a planta, chamada de *guanábano* em espanhol. (Ponho em cursivo as obvias afinidades com o texto de Vieira)

"Es un árbol muy grande y *hermoso en la vista*, y alto, y las ramas de él derechas, y la hoja de él de larga y ancha facion y *fresco verdor* y hace *piñas*, o fruta que lo parecen, tan *grandes como melones*, pero prolongadas, y por encima tiene unas labores sutiles que parece que señalan escamas, pero no lo son ni abren; antes cerrada em torno, está toda cubierta de una corteza del gordor de cascara de melon, ó algo menos, y de dentro está llena de una pasta como *manjar blanco*, algo que aunque es tan espesa, es aguanosa y de lindo sabor templado, con um *agro suave* yapacible...<sup>15</sup>

Voltando este autor das Antilhas para Espanha ampliou-se a obra em 1590 e lhe foi dado o titulo de *Historia General y Natural de las Indias*. Descrevendo agora o seu *guanábano* acrescenta pormenores que Vieira quase plagiou.

"La fruta y *manjar* dentro es como *nata*... se deshace luego en la boca como agua con un *dulzor bueno*. Entre aquella *carosidad* hay asaz *pepitas* grandes como las de las calabazas. Son, como he dicho, altos e grandes e hermosos árboles y muy *frescas e verdes* la hojas e cuasi de la hechura de la hoja de la *lima*.<sup>16</sup>

Por este mesmo tempo um Jesuíta espanhol, o Padre Joseph de Acosta publicou também a sua *Historia Natural de las Indias*.

Falando das excelências do *guanábano*, discorda, mal velando seu patriotismo, do sentir comum: "Esta fruta decian algunos criollos (como allá llaman a los nascidos de españoles en Indias) que *excedia a todas las frutas de España*. A mi no me parece".

<sup>15</sup> Op. Cit. *Biblioteca de Autores Españoles*. Madrid, 1858, tomo 22 p.500

<sup>16</sup> *Ibidem*. Madrid, 1959, vol. XXII, pp.257-8

Entretanto este autor acaba condescendendo em parte ao declarar que "a juicio de algunos es la *mejor fruta de Indias*". Vi eira dirimindo a perplexidade de Acosta, escreve contornando a contenda, e faz a fruta "comparavel às melhores do mundo."<sup>17</sup>

Provavelmente Vieira teve em mãos a obra de um outro Jesuíta o Padre João Eusebio Nieremberg que deu a lume uma *Historia Naturalis* em 1635 e onde também trata do araticum. Nieremberg, como se sabe, foi um dos mais prolíficos compiladores do seu século. Sobre o *guanábano* não oferece mais que um pequeno parágrafo e o pouco que diz é obviamente repetido e impreciso.<sup>18</sup>

Na sua carta Vieira enumera ao Grão-Duque as espécies de araticum adjetivadas com o respectivo termo indígena. Assim também o fez Guilherme Piso na sua obra. Era ele o medico holandês que esteve em Pernambuco a serviço do Conde de Nassau. Aí, juntamente com Marcgrave, um outro cientista seu conterrâneo, elaborou uma historia natural do Brasil e a publicou em latim, em 1648.<sup>19</sup> O naturalista batavo alude primeiro ao araticum *ponbê*, provavelmente equivalendo à espécie a qual Vieira atribui as características comuns. Von Martius a classificará na sua *Flora Brasiliensis* como *Anona Marcgravi*, entre três dezenas de espécies que enumera do genero *Anona*.<sup>20</sup> Ao araticum *paná* que segundo Vieira medra à beira dos rios e mata caranguejos, Piso acrescenta que cheira mal (*odoris ut caseus putridus*) e dele trata uma segunda vez no sector das plantas venenosas. Vieira acha que a madeira do araticum em geral, no seu dizer, "leve e pouco solida" é praticamente imprestavel. Piso, porem, observa que em parte, por isso mesmo, (*ligno levi instar suberis*) os Indios fazem com ela escudos maneiros mas certamente impenetraveis às setas inimigas. Esta especie parece pertencer à *Anona palustris* dos naturalistas.

---

<sup>17</sup> Op. Cit. Mexico. s/d Cap. 25

<sup>18</sup> "Guanabanae fructus magni sunt, pleni aculeis, intus vero acidi. Vocant aliqui gossypium in aceto. Arborea in montibus et hortis inveniuntur." Op. Cit. Antuerpiae, MDCXXX.

<sup>19</sup> Gulielmi Pisonis. *Indiae Utriusque Re Naturali et Medica*. Amstelaedami. Elzevirios. MCMCLVIII, pp.141-142 e p.306

<sup>20</sup> Op. Cit. Vol. XIII, pars I. P. 6 ss.

O araticum *apê* que Vieira compara às melhores frutas do mundo mereceu de Piso apenas um diminuto comentário. Não obstante esta veio a ser a espécie que mais tarde receberia de Martius o nome científico de *Anona Pisonis*.

É bom notar entretanto que há certas discrepâncias entre as descrições de Vieira e de Piso. Pode ser que com o mesmo nome tenham em mente planta de espécie diferente. A fruta do Araticum *ponbê*, por exemplo, tão decantada por Vieira, diz Piso que não é apreciada por alguns, "silvestria et frigida quibusdam non expetita". Ao passo que todo o seu elogio vai para o araticum *ponbê* sobretudo para a parte central do fruto que "pro deliciis offertur".

Como sabemos, a considerável variedade de araticum é conhecida pelos brasileiros com denominações populares em português. A ata, a pinha, por exemplo. Alguns nomes são ainda descritivamente pinturescos como o araticum-de-cheiro ou araticum cagão (*Anona fetida*). Sem contar a espécie importada das Antilhas, a fruta-do-conde (*Anona Muricata*) introduzida pelo Conde de Miranda no seu pomar da Baía no primeiro quartel do século XVII, à qual Vieira estranhamente não se referiu. O Jesuíta missionário entre os Índios, registrou apenas a terminologia indígena da planta, inclusive a regional como o Beribá, ou porque eram as denominações únicas que sabia ou porque as vulgares em português não se haviam ainda estabelecido na linguagem comum, ou quem sabe, quisesse ele dar à fruta, como convinha, um sabor, de nome e de fato, exótico.

Quanto à possibilidade de transplante do araticum para a Europa, Vieira manifestou sua dúvida, vaga e inconsequente, como botânico amador que realmente o era. Martius ao invés, já de volta na Alemanha, pôde pontificar trançante no assunto: "Sponte intelligitur nunquam posse expectari illae species quae in Brasilia sunt excoltae etiam in nostris hortulis bene succedant..." O araticum, acrescenta, que por acaso se vê na Europa, está contido em estufas, mas para o sul da região napolitana ou nas ilhas da Grécia talvez possa prosperar ao ar livre (*sub divo*) se durante o inverno for protegido.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> *Ibidem*. p. 58

Os Medicis, como é sabido, se notabilizaram também pelo cultivo de jardins botânicos. O de Pisa parece ter sido o primeiro criado na Europa, pelo século XVI. Cultivavam inúmeras espécies exóticas também nos pomares de suas vilas nos arredores de Florença. Cosme III, não desmentiu a tradição de família. Além disto, afectado pela gota e pela obesidade, viu-se obrigado pelo médico a mudar seus hábitos alimentares. Redi, seu físico regular, impingiu-lhe um regime dietético a que chamavam pitagórico, à base de vegetais, frutas e ervas de regiões longínquas. Não é pois de se admirar que o Grão-Duque se tenha interessado pelo *araticum*, sobremesa esperançosa das remotas terras do Brasil.

Vieira termina a carta com uma informação de carácter político-eclésiástica, num tom de prosseguimento de conversa, dando-nos a entender que o assunto e seus precedentes soavam perfeitamente familiares aos ouvidos do Grão-Duque.

Versa sobre o problema da provisão dos Bispos para Portugal, depois da Restauração. Um verdadeiro escândalo histórico, devido ao qual uma nação católica quase morre a mingua na sua estrutura espiritual por falta de hierarquia devidamente constituída.

Em 1640, como se sabe, com o advento vitorioso de D. João IV, Urbano VIII sob pressão da Espanha só receberia a representação portuguesa se o país retomasse ao Reino de Castela. Criou-se um impasse diplomático que durou 30 anos. Houve por isso um período em que Portugal chegou a contar somente com um prelado em todo o todo o território, o sobrevivente bispo de Elvas que entretanto, nem exercia aí o seu munus pois era capelão do Rei.

Acrescentou-se ao depois a questão burocrática da terminologia com que o Rei fazia ao Papa o pedido para prover as varias sedes episcopais vacantes. As sedes mais antigas eram providas com uma solicitação do Rei denominada "ad supplicationem" e as mais recentes "ad praesentationem". No tempo dos Felipes, usavam eles uma formula única, a mesma que para a Espanha, isto é *ad praesentationem*, expressão mais prestigiosa para o Rei, porque parece conotar mais independência regia no contexto do sistema de padroado. D. João IV insistia em prosseguir usando-a tão somente. Mas encontrou relutância da parte da Santa Sé que a certa altura propôs ela mesma de *motu proprio*

proceder às provisões a fim de evitar o conflito das fórmulas e socorrer finalmente à penúria espiritual da Igreja Lusitana. Inutilmente. O impasse só terminou em 1668 quando se deu o tratado de paz entre Espanha e Portugal. Iniciou-se então de imediato o processo de representação da Corte portuguesa junto à Santa Sé e da urgente provisão dos bispados. E prestimoso o notifica nosso familiar Beneditino cronista:

*"Mandou sua alteza a todos os tribunais que o informassem de todos os sujeitos de letras e virtudes assim clerigos como religiosos para deles escolher os mais capazes para os Bispados. Começou logo a negociar a ambição... sendo tal a caça a que se dava às mitras que se raspavam barbas e saíram coroas... No principio de setembro de 1669 saia S. A. com a nomeação dos Bispos."*<sup>22</sup>

Por sinal achava-se o Príncipe de Toscana em Lisboa na sua celebrada visita, em Janeiro de 1669 quando se concretizaram as primeiras negociações com a Santa Sé.

Seu fiel diarista não falhou em registrar a boa nova *"dell'arrivo dei corriere venuto di Roma in 16 giorni, con la dispensa del matrimonio e la sicurezza che il Papa ammetterebbe la nomina dei Vescovi fatta dal Principe e darebbe al suo ambasciatore il trattamento regio"*.<sup>23</sup>

Não tenhamos duvida que aquelas prolongadas e frequentes conferências de Vieira com o Príncipe visitante devessem girar pela maior parte em tomo destes dois magnos assuntos. O Florentino quando em Lisboa, estava certamente interessadissimo neste caso aludido de dispensa matrimonial. Ele tinha também seu problema pessoal desta natureza. Em desavença com a esposa desde as bodas, sofria escrúpulos de consciência sobre seu enlace conjugal, feito mais por conveniência, com uma noiva relutante. Educado pela mãe numa atmosfera de beatice, cria por vezes que estava vivendo simplesmente um concubinato ambíguo.

O caso de D. Pedro, aludido acima, era como se sabe, de uma outra figura. Maria Francisca Isabel de Saboia desposara o rei Afonso VI, irmão mais velho de Dom Pedro. Uma vez provada a impotência sexual do marido, tratava

<sup>22</sup> *Monstruosidades*. I, p.179

<sup>23</sup> *Viaje de Cosme de Medicis...* p.266

ela perante a Santa Sé de desfazer os vínculos do casamento. Afonso VI, por outros motivos, considerado inaceitável para o trono, foi deposto e exilado. Substituiu-o Dom Pedro que não satisfeito em tomar-lhe o Reino, estava agora fazendo arranjos para tomar-lhe também a mulher. A dispensa de Roma mencionada por Magalotti, vinha pois possibilitar finalmente as intenções do Príncipe Regente.

Cosme III entretanto, em 1674 separou-se definitivamente da esposa que se partiu de volta para a França. Mas nem por isto conseguiu pôr um ponto final no relacionamento tempestuoso entre ambos.

Quanto às nomeações dos Bispos foram elas feitas progressivamente tendo D. Pedro concordado em usar a dupla forma respectivamente, como nos tempos prefilipinos. O processo se prolongou entretanto por algum tempo. Dois anos depois Vieira ainda ecoava o mesmo pessimismo do autor das *Monstruosidades*, quando escrevia a um amigo "Esperamos o parto dos Bispados que em Portugal se suspiram com maior desejo do particular que zelo comum."<sup>24</sup>

Quatro anos depois, como se vê pela data da carta que comentamos de Vieira (1672), a momentosa questão ainda pendia, agora sob outro aspecto. Como sagrar os Bispos nomeados?

Segundo o ritual litúrgico e o Direito Canónico, três bispos sagram um novo antistite. Portugal, como disse, contava apenas com um, e se achou não muito dignificante recorrer à rival Espanha para um socorro de tal natureza, já que ela tinha sido a pedra no caminho e a fonte das obstruções à provisão dos Bispos. A Santa Sé compreensiva, teria dispensado Portugal daquela exigência canónica. Com o único Bispo Português e duas dignidades (dois abades, por exemplo) se poderia dar início validamente à serie do episcopado lusitano.

Mas pelo comunicado de Vieira ao Grão-Duque no final da carta, as autoridades de Lisboa declinaram da dispensa apostólica e optaram por enviar a Madrid, como sementes da nova sucessão, três dos eleitos pertencentes a Ordens religiosas, para lá se sagrarem, quase como se isto fosse um assunto respeitante às Ordens mesmas e não propriamente à hierarquia oficial da nação

---

<sup>24</sup> Carta a Duarte Ribeiro de Macedo a 26 de setembro de 1670.

portuguesa. É o que suponho, se bem interpreto os matizes das susceptibilidades diplomáticas da época.

Com relação à recíproca representação entre Portugal e a Santa Sé, sabemos que foi enviado o Conde do Prado em 1669 para Roma. Mas segundo Vieira, na carta, somente em 1672 o Nuncio Apostolico arribava no porto de Lisboa.

Aqui também o cronista beneditino acode com os pormenores e o mexerico:

*"Entrou pela barra de Lisboa o Nuncio Francisco Ravizza, Arcebispo de Sidonia, em 5 de maio, nova tam aplaudida como estimada, desbaratando sua chegada toda a fabrica da malicia que com infaustos discursos persuadia que nunca o havia de ver o Reino..."*<sup>25</sup>

Entre as monstruosidades daquele ano de 1672 relata ainda o frade a morte em julho do Conde de São Lourenço, *"verdadeiro português na pessoa, na fidelidade e no valor. Deve Portugal saudosas memorias ao seu zelo e prestimo. Na paz foi cuidadoso ministro, na guerra valoroso cabo, suposto que teve ocasiões de malafortunado que alguns atribuiam à culpa de remisso..."*<sup>26</sup>

Um mês antes, Vieira na sua missiva, o dava como desengano, ou na linguagem do tempo, "desconfiado da vida".

Vieira residiu por seis anos em Roma. Tornou-se fluente na língua italiana, na qual pregou com brilho habitual. Seu vernáculo entretanto sofreu a influencia irresistível do idioma de Dante. Alguém houve que procurou coleccionar os estrangeirismos na sua obra, notando, entre os italianismos palavras como *acquistar*, *geolosia*, etc.<sup>27</sup> Podemos acrescentar à lista mais este lapso *stava resoluta*, lá pelo fim da carta. Um simples escorrego da pena, não muito chocante e bastante perdoável, dada a magnitude intelectual do missivista e a nacionalidade do Serenissimo destinatário.

Foi entretanto, em função de voluntário agente nupcial que Vieira se relacionou mais intensamente com Cosme III. Por própria iniciativa procurou com todo o alcance de sua influencia, consorciar a Infanta de Portugal, Isabel

---

<sup>25</sup> *Monstruosidades*. II, p.120

<sup>26</sup> *Ibidem*. III, p.6

<sup>27</sup> Ivan Lins. *Aspectos do Pe. Antonio Vieira*. Rio, 1962, p.78

Luisa, com Ferdinando, o primogénito do Grão-Duque. Ela nascera no mesmo mês em que o Príncipe Florentino chegava a Lisboa para sua histórica visita e o herdeiro de Toscana contava então somente seis anos. Nada estranho para os padrões do tempo em que apenas nascidos, iam os de sangue real tão logo para o berço quanto para o tabuleiro dos lances matrimônias. A filha de D. Pedro, segundo o testemunho de um insuspeito contemporâneo, tornou-se uma das mais belas e mais dotadas pessoas do seu sexo em toda a Cristandade. E os Portugueses "admired her almost to adoration".<sup>28</sup> Vinha pois a ser um dos melhores partidos para a realeza da época. Acrescente-se ainda que durante vários anos, até que nascesse o futuro D. João V em 1689, era ela a única herdeira do trono português. Não admira portanto que pretendentes em grande número porfiassem pela sua mão.

Quando ia Vieira de Marselha para Roma em 1669, viajando com o Grão-Duque, estalou-lhe o projeto político do tal consorcio entre a Infanta e Ferdinando filho de Cosme.<sup>29</sup> Em 1675, voltando à pátria, decidiu passar por Florença afim de consolidar a ideia. Mas Vieira que aparentemente nunca foi bem sucedido nas suas alcovitices de alto coturno, malogrou.

Uma das condições estipuladas pelo Grão-Duque seria que no caso do enlace, os filhos de Ferdinando com Isabel Luisa só herdariam a coroa portuguesa. O Grão Ducado de Toscana deveria caber ao segundo filho de Cosme III, João Gastão e seus descendentes. Um arranjo a que a Corte de Lisboa não pôde anuir.<sup>30</sup>

Com o fracasso de tal iniciativa e tendo Vieira retomado ao Brasil não se extinguiu, porem, a chama de afeição entre ele e o Medici, como muito bem documentou Aníbal Pinto de Castro em sua obra.<sup>31</sup> Houve entre ambos sem duvida, apreço inteligente pela humana condição, mutua e sincera e simpatia.

É o que nos revela a carta que acabamos de comentar. Ela nos revela da parte do grande Jesuíta, que ele, mesmo intendendo falar de uma fruta, deixa vaziar exuberante toda a privilegiada vivência de seu gênio surpreendente.

---

<sup>28</sup> Collbatch, John. *An account of the Court of Portugal under the Reign of King Don Pedro II.* London, 1700. p.78

<sup>29</sup> Azevedo, João Lucio de. *Historia do P. Antonio Vieira.* Tomo 2, Lisboa, 1931, p.188. Papel em resposta ao Príncipe Dom Pedro.

<sup>30</sup> Collbatch, John. Op. Cit. p.142

<sup>31</sup> Castro, Anibal Pinto de. Op. Cit. pp.15-37

Humilissimo Senor.

729

Passo dar melhor Relação da Araticumã a  
 te como de que soube do Passado. Porque ha tres  
 especies muito semelhantes, huy adifferença de  
 que com nome Venenoso se chama Araticumã.  
 A primeira especie que abolição se chama com o  
 me generico de da mesma especie que aqui se mostra  
 mas ordinaria de muito mayor grandezza como  
 hum melão mediano. A cor de fora he verde com  
 mistura de amarello, quando esta maduro. A cor por  
 dentro é de branco esbrançado. as sementes de mesma cor  
 mas as pintadas de cor de tamar maduro, mas não  
 feca. Sem poucas comestidas pela carne do como a  
 mocho das pedras de ballancia. O cheiro bom e agudo  
 com alguma aspereza, e qual tambem se acha no sabor  
 entre huy e outro. tem hum talho no meio como cran  
 em se sustenta de continua ope, e por isso da mesma gra  
 dura e duro, mas da mesma cor da carne, e qual na  
 penetra muito. As araticumãs grandes e pequenas, fêta  
 como de laranja mais grossas e duras. amadurece  
 do tronco deo e pouco solida, e huy de pouco se cria  
 nasce esta especie em todo o Brasil, onde não se cria  
 da.  
 A segunda especie se chama Araticumã Parã so na fi  
 gura semelhante, nasce inno dos rios. A natureza  
 que ha de differença noo e gôlla. O fructo he tam  
 Venenoso que os Araticumãs terrestres que delle se  
 sustenta, mata.  
 A terceira especie se chama Araticumã Agô. Esta he  
 verdadeira e comparavel as melhores frutas do mundo  
 do, e não tem a semelhança com nenhuma destas

176

